KOIZUMI YAKUMO

CONTOS DE TERROR JAPONÊS



2a. Edição

GROTESCO & ARABESCO

KOIZUMI YAKUMO

小泉八雲

CONTOS DE TERROR JAPONÊS

Tradução de Paulo Soriano

2ª. edição ampliada

Grotesco & Arabesco

2020

SUMÁRIO

SOBRE OS CONTOS

Os contos de terror de **Koizumi Yakumo** — nome nipônico de **Lafcadio Hearn** (1850 – 1904), escritor greco-nipo-britânico —, inspirados nas antigas e legendárias tradições fantasmagóricas do Japão, caracterizam-se pela brevidade, simplicidade e objetividade orientais.

No mundo ocidental, tradicionalmente, as entidades fantasmagóricas, embora muitas vezes assustadoras, não são, *necessariamente*, maléficas. Antes, prendem-se à matéria em razão de alguma questão não solucionada em vida e se manifestam sob a forma de espectral aparição até que sejam libertadas do fadário opressor.

Os entes sobrenaturais orientais, malgrado possam vagar no mundo em busca de uma libertação, são particularmente *maléficos*. São capazes de materializar-se e de impingir dor e sofrimento às pessoas vivas, e, mesmo, causar-lhes uma morte horrenda e cruel. A vingança devastadora não raramente amima o intento de um espírito que se vê atormentado pela quebra de uma solene promessa que lhe fora feita em vida.

Na presente coletânea, o implacável espectro de uma esposa falecida, cheia de ódio e ciúmes, prepara uma horripilante vingança ao marido — que lhe prometera fidelidade eterna — e à sua nova e inocente consorte (***Uma Promessa Quebrada***). Um

monge zen-budista defronta-se com uma entidade sobrenatural devoradora de cadáveres (***O Devorador de Cadáver***). Outro sacerdote budista precisa descobrir a causa das insistentes aparições de uma esposa recém-falecida (***O Segredo da Morta***). Antes de ser executado por decapitação, um criminoso promete uma vingança de além-túmulo aos seus algozes (***A Ameaça do Supliciado***). Um mercador tem um terrível encontro noturno com um ser horripilante (***A Aparição***).

UMA PROMESSA QUEBRADA

— Eu não tenho medo de morrer — disse a esposa moribunda. — Somente uma coisa me preocupa agora. Gostaria de saber quem ocupará o meu lugar nesta casa.

— Minha querida — respondeu o marido — , ninguém jamais tomará o teu lugar em minha casa. Nunca... jamais me casarei novamente.

Quando dizia isto, o marido falava do fundo do coração: ele amava a mulher que estava prestes a perder.

— Tu juras pela fé de um samurai? — ela perguntou, exibindo um débil sorriso.

— Juro pela fé de um samurai — ele respondeu, acariciando aquela face pálida e murcha.

— Então, meu amado — disse ela — , tu hás de me sepultar no jardim, não é mesmo? Perto daquelas ameixeiras que plantamos lá no fundo. Há muito que eu te queria pedir isto, mas pensei que, caso tu viesses a se casar novamente, não irias querer o meu sepulcro tão perto de ti. Agora que me prometeste que nenhuma outra mulher ocupará o meu lugar, não é necessário que eu hesite em fazer o meu pedido... Eu quero tanto ser sepultada no jardim!... Creio que, nele, poderei ainda escutar, de vez em quando, a tua voz e, também, contemplar as flores da primavera.

— Será assim como desejas — ele respondeu. — Mas não fales de enterro agora. Não estás tão doente a ponto de perder toda esperança.

— Eu já a perdi — ela replicou. — Vou morrer nesta manhã... Mas tu me sepultarás no jardim?

— Eu te enterrarei — disse ele — sob a sombra das ameixeiras que plantamos. E tu terás um lindo túmulo.

— Tu me darás um sininho?

— Um sininho?

— Sim. Quero que ponhas um sininho dentro de meu ataúde. Um sininho como aqueles que os peregrinos budistas carregam. Farás isto?

— Terás o teu sininho e tudo mais que desejares.

— Não desejo mais nada — disse ela. — Meu amor, tu sempre foste muito bom comigo! Agora posso morrer feliz.

Então, ela fechou os olhos e morreu. Expirou tão facilmente quanto uma criança sonolenta que adormece. Embora morta, estava linda. Havia um sorriso em sua face.

Sepultaram-na sob a sombra das árvores que amara em vida, e, com ela, desceu à cova um pequeno sino. Erigiram sobre a sepultura um lindo mausoléu, ornamentado pelo brasão da família, em que se lia o seguinte *kaimyou*[1]:

---

[1] Nome póstumo.

“Grande Irmã mais velha. Sombra-Luminosa-da-Flor-da-Ameixeira, que moras na Mansão do Grande Mar da Compaixão”.

*

Mas, doze meses após a morte de sua esposa, os parentes e amigos do samurai começaram a instigá-lo a contrair novas núpcias.

— Tu ainda és um homem jovem — diziam. — És filho único e não tens filhos. É dever de um samurai casar-se. Se morres sem filhos, quem fará as oferendas a teus antepassados? Quem cultivará a memória de teus ancestrais?

E tantas foram as insistentes exortações que, finalmente, persuadiram-no a casar-se novamente. A noiva tinha apenas dezessete anos. E o samurai descobriu que podia amá-la intensamente, a despeito dos mudos reproches que vinham do túmulo no jardim.

II

Nada que pudesse perturbar a felicidade da jovem esposa aconteceu até o sétimo dia após o casamento, quando o Samurai recebeu a ordem para cumprir certos deveres que exigiam a sua presença no castelo à noite. Na primeira noite em que se viu obrigado a deixar a esposa sozinha, a jovem mulher sentiu uma inquietação inexplicável. Sentia-se

vagamente atemorizada, mas sem saber por quê. Foi para cama, mas não conseguiu dormir. Havia uma estranha opressão no ambiente — um peso indefinível, como aquele que às vezes precede a irrupção de uma tempestade.

Por volta da Hora do Boi[2], ela ouviu, vindo de fora, o tilintar de um sino — um sino de peregrino budista. Ela, então, se perguntou que peregrino poderia estar passando pelos domínios do samurai em semelhante hora. Em seguida, depois de uma pausa, o sino tilintou ainda mais próximo. Evidentemente, o peregrino se aproximava da casa. Mas, por que se acercava pelos fundos, onde não havia entrada alguma...? De repente, os cães começaram a ganir e a uivar de uma maneira estranha e horrível. E um temor a assaltou como se num pesadelo. Sem dúvida, o tinido provinha do jardim... Tentou levantar-se para chamar um criado, mas descobriu que não podia se erguer, mover-se, gritar... E o tilintar do sino ficava mais próximo, cada vez mais se acercava. E — ai! — como uivavam os cães!... Então, com a leveza de uma sombra furtiva, deslizou para dentro do quarto uma Mulher, embora todas as portas estivessem trancadas e imóveis todas as cortinas. Era uma Mulher envolta em vestes sepulcrais, que trazia consigo um sininho de peregrino. Sem olhos — porque ela estava morta há muito tempo — , ela aproximou-se da jovem esposa... e os cabelos soltos

---

[2] Ente 1h e 3h da madrugada.

caíam-lhe sobre a face. E, mesmo sem olhos, mirou através do emaranhado de seus cabelos, e falou sem que tivesse língua:

— Nesta casa, não! Nesta casa não ficarás! Eu ainda sou a senhora deste lar. Irás embora, e a ninguém revelarás a razão de tua partida. Se disseres alguma coisa a Ele, eu te farei em pedaços.

Assim que pronunciou estas palavras, a assombração desapareceu. A jovem esposa desfaleceu de terror. Não recobrou a consciência até o amanhecer.

No entanto, com a alegre luz do dia, ela duvidou da realidade do que havia visto e ouvido. A lembrança da ameaça ainda pesava em seu coração tão intensamente que ela não ousou falar da aparição noturna, quer para o seu marido, quer para qualquer outra pessoa. Mas quase esteve a ponto de convencer-se de que tudo não passara de um sonho desagradável, que a deixara impressionada. Todavia, na noite seguinte, as suas dúvidas se dissiparam. Mais uma vez, na Hora do Boi, os cães começaram a uivar e a ganir. Novamente ouviu o tilintar do sino, vindo do jardim, aproximando-se lentamente. De novo tentou, em vão, levantar-se e gritar por alguém. Mais uma vez a morta entrou no quarto e disse-lhe, com a voz sibilante:

— Tens de ir embora! E a ninguém dirás por que partiu. Se contas alguma coisa a Ele, um sussurro que seja, eu te farei em pedaços!...

Desta feita, achegou-se bem à cama e, inclinando-se, ficou a murmurar e a mover-se como uma foice oscilante sobre a jovem.

Na manhã seguinte, quando o samurai regressou do castelo, a jovem esposa prostrou-se diante dele, suplicando:

— Eu te imploro — disse ela — que perdoe a minha ingratidão e grande descortesia ao dirigir-me a ti desta maneira, mas quero voltar para casa. Quero ir-me embora imediatamente.

— Tu não és feliz aqui? — perguntou ele, sinceramente surpreso. — Alguém se atreveu a ser pouco delicado contigo durante a minha ausência?

— Não é isto — ela respondeu, soluçando. — Todos têm sido muito bons comigo... Mas não posso permanecer como tua esposa. Tenho que ir-me embora...

— Minha querida — exclamou ele, deveras espantado — , é muito doloroso saber que tiveste algum motivo de infelicidade nesta casa. Mas não posso imaginar a razão para que queiras partir... A menos que alguém tenha sido muito indelicado contigo. Decerto, não me queres dizer que pretendes o divórcio.

Ela respondeu, tremendo e chorando:

— Se não me deres o divórcio, eu morrerei!

Ele permaneceu em silêncio durante alguns instantes, tentando debalde descobrir algum motivo para aquela surpreendente declaração. Então, sem trair qualquer emoção, respondeu:

— Mandar-te de volta ao teu lar, sem qualquer falta da tua parte, seria uma atitude vergonhosa. Se me disseres alguma boa razão para o teu desejo — qualquer motivo que me permita explicar as coisas honrosamente — , posso dar-te o divórcio. Mas, a menos que me dês uma razão, uma boa razão, não o concederei, pois a honra de nossa casa deve ser mantida acima de qualquer censura.

Então, ela se viu obrigada a falar e lhe contou tudo, acrescendo, numa agonia de terror:

— Agora que te contei tudo, ela vai me matar! Vai me matar!

Malgrado fosse um homem corajoso e pouco propenso a acreditar em fantasmas, o samurai ficou mais que surpreso por um instante. Todavia, uma explicação simples e natural logo afluiu à sua mente.

— Minha querida — disse ele — , estás muito nervosa e receio que alguém te tenha contado histórias tolas. Não posso conceder-te o divórcio somente porque tiveste um pesadelo nesta casa. Mas realmente lamento que tenhas sofrido tanto durante a minha ausência. Terei que ir, também nesta noite, ao castelo. Não te deixarei, contudo, sozinha. Ordenarei a dois de meus antigos e leais serviçais que montem guarda em teu quarto. Assim, poderás dormir em paz. São bons homens, que tomarão todos os cuidados possíveis para proteger-te.

Em seguida, falou-lhe com tanta consideração e carinho que ela se sentiu quase envergonhada de

seus terrores. Assim, resolveu permanecer naquela casa.

III

Os serviçais encarregados de cuidar da jovem esposa — homens fortes, valentes e de coração simples — eram experientes guardiões de mulheres e crianças. Contaram à jovem esposa histórias agradáveis para mantê-la entretida. Ela conversou com eles durante muito tempo, riu daquelas tiradas bem-humoradas, e quase esqueceu os seus temores. Quando, finalmente, ela se recolheu para dormir, os guardiões tomaram os seus lugares em um canto do aposento, atrás de um biombo, e começaram a jogar uma partida de *go*[3], falando apenas em sussurros para não a perturbar. Ela dormia como uma criança.

Todavia, na Hora do Boi, ela despertou, mais uma vez, com um grito de terror... Ouvira o tilintar do sino! O sonido já estava bem perto e se aproximava cada vez mais. Ela se ergueu e gritou, mas não havia qualquer movimento no quarto, apenas um silêncio tumular, um silêncio crescente, que se tornava cada vez mais denso. Correu para os guardiões. Estes estavam sentados diante do tabuleiro, imóveis, e se miravam com olhos fixos. Ela, gritando, chamou por eles e os sacudiu. Mas eles estavam hirtos, como que congelados.

---

[3] Jogo estratégico de tabuleiro.

Mais tarde, eles disseram ter ouvido o sino e, também, o grito da jovem esposa. Até mesmo sentiram que ela tentava tirá-los do transe. No entanto, não foram capazes de se mover ou falar. A partir deste instante, deixaram de enxergar ou ouvir: um sono negro havia-se apoderado deles.

*

Ao amanhecer, quando entrou na câmara nupcial, à luz mortiça de uma lamparina, o samurai contemplou o cadáver decapitado de sua jovem esposa, que jazia numa poça de sangue. Os guardiões ainda dormiam, agachados diante do jogo inconcluso. Ao grito de seu amo, levantaram-se e, estupidamente, encararam o horror a seus pés...

Não se via a cabeça. A ferida hedionda testemunhava que a cabeça não havia sido cortada, senão arrancada. Um rastro de sangue estendia-se da câmara à galeria exterior, onde as portas protetoras de intempéries pareciam ter sido fendidas. Os três homens seguiram o rastro até o no jardim, atravessaram o gramado e os espaços de areia, ao longo da margem de um lago iridescente, sob as espessas sombras de cedro e bambu.

De súbito, numa curva, eles se acharam cara a cara com algo que parecia saído de um pesadelo, e que se agitava como um morcego: a figura da mulher, há muito sepultada, erguida diante do próprio sepulcro. Em uma das mãos, trazia o pequeno sino;

na outra, a cabeça, ainda gotejante de sangue, da jovem esposa. Por um instante, os três ficaram paralisados. Então, um dos homens armados, proferindo uma invocação budista, golpeou com a espada a coisa, que, instantaneamente, desmoronou, dispersando sobre o chão farrapos de mortalha, ossos e cabelos. E desta ruína escapuliu o sino, rolando e tilintando... Mas a mão direita, descarnada, embora segregada do pulso, ainda se contorcia, aferrada à cabeça decepada. E os seus dedos retalhavam e mutilavam aquela cabeça, assim como as pinças de um caranguejo amarelo agarram e destroçam rapidamente um fruto caído ao chão...

*

[— Esta é uma história perversa — eu disse ao amigo que me contara a história. — A vingança dos mortos, caso tivesse de ser cumprida, deveria recair sobre o homem.

— É dessa maneira que os homens pensam — ele respondeu. — Mas não é assim que que as mulheres reagem a tal insulto...

Ele tinha razão.]

O DEVORADOR DE CADÁVER

Certa feita, Muso Kokushi, sacerdote da seita *Zen*, que viajava sozinho pela província de Mino, perdeu o caminho em um distrito montanhoso onde não havia ninguém que pudesse orientá-lo. Por um longo tempo, o sacerdote vagou sem rumo. Começava ele a desesperar-se por encontrar um abrigo para passar a noite quando vislumbrou, no topo de uma colina iluminada pelos últimos raios do sol, um daqueles pequenos eremitérios chamados *anjitsu*, construídos por monges solitários. Embora parecesse estar em condições ruinosas, Muso apressou-se, ansiosamente, em alcançá-lo. Descobriu que o eremitério era habitado por um sacerdote idoso, a quem rogou que lhe concedesse o favor de refúgio por uma noite. Rudemente, o ancião negou-lhe o abrigo, mas indicou a Muso uma certa aldeia, num vale adjacente, onde poderia encontrar alojamento e comida.

Muso chegou à aldeia. Esta consistia em menos de uma dúzia de casas rústicas. O sacerdote foi gentilmente recebido na residência do líder do vilarejo. Quarenta ou cinquenta pessoas achavam-se reunidas no cômodo principal quando Muso chegou. Indicaram-lhe um pequeno quarto separado, onde prontamente lhe ofereceram alimento e roupas de cama. Vergado pela fadiga, Muso deitou-se bem cedo. Mas, pouco antes da meia-noite, seu sono

foi interrompido por um choro alto que vinha do cômodo contíguo. Então, as portas corrediças deslizaram e um jovem, que trazia uma lamparina acesa, entrou no quarto, saudou-o respeitosamente e disse:

— Venerável senhor, é meu doloroso dever informar-vos que sou agora o responsável por esta casa. Ontem, eu era apenas o filho mais velho. Mas quando aqui chegastes, vergado pelo cansaço, nós não queríamos vos incomodar. Não vos participamos, pois, que meu pai havia morrido poucas horas antes. As pessoas a quem vós vistes reunidas na sala ao lado são os habitantes desta aldeia. E aqui estão para prestar as últimas homenagens ao falecido. Mas agora devem partir para outra aldeia a três milhas daqui, pois, segundo os nossos costumes, ninguém deve permanecer na aldeia durante a noite quando alguém morre. Fazemos as oferendas e orações apropriadas e, depois, retiramo-nos, deixando o cadáver sozinho. Na casa onde jaz o defunto, coisas estranhas sempre acontecem. Por isso, cremos que seria melhor que fôsseis conosco. Na outra aldeia, achareis um bom alojamento. Mas, como sacerdote, é possível que não tenhais medo de demônios e espíritos malignos. E, se não vos traz incômodo a companhia de um defunto, sois muito bemvindo para desfrutar de nossa pobre morada. No entanto, devo advertir-vos de que ninguém, a não ser um sacerdote, se atreveria a pernoitar aqui.

Muso respondeu prontamente:

— Sou profundamente grato por vossas amáveis intenções e vossa generosa hospitalidade. Todavia, lamento que não me tenhais contado sobre a morte de vosso pai assim que cheguei. Com efeito, embora um tanto cansado, não teria dificuldade em cumprir o meu dever de sacerdote, realizando o serviço religioso antes de vossa partida. E é o que farei, assim que vos retireis. Permanecerei com o defunto até a manhã. Ignoro a que vos referis ao mencionar o perigo que se corre quando se fica aqui sozinho. Mas não temo fantasmas ou demônios. Portanto, eu vos peço que não vos inquieteis com a minha sorte.

O jovem pareceu satisfeito com tais garantias. Assim, expressou a sua gratidão com as palavras adequadas. Os demais membros da família, assim como os aldeões reunidos na sala contígua, tendo sido informados das promessas do sacerdote, foram prestar-lhe os agradecimentos. Depois, disse o dono da casa:

— Agora, venerável senhor, malgrado muito deploremos vos deixar sozinho, devemos nos despedir. Segundo as normas de nossa aldeia, nenhum de nós pode permanecer aqui depois da meia-noite. Nós vos imploramos, amável senhor, que cuideis de vosso honorável corpo enquanto não estivermos aqui para vos servir. Se, por acaso, ouvirdes ou virdes alguma coisa estranha durante a nossa ausência, por favor dizei-nos quando voltarmos pela manhã.

Todos, em seguida, deixaram a casa, exceto o sacerdote, que foi para o quarto onde jazia o cadáver, estendido em meio às habituais oferendas, à luz de uma pequena lâmpada budista — a *tomyo*. Proferindo os termos rituais, o sacerdote realizou as cerimônias fúnebres, entrando, depois, em estado de meditação. Assim permaneceu, em silêncio, durante várias horas. Nenhum ruído se elevava na aldeia deserta. Mas, quando o silêncio da noite se fazia mais profundo, uma forma vaga e ampla entrou silenciosamente. Naquele mesmo instante, Muso se viu impedido de falar ou mover-se. Ele viu que a Forma se apoderava do cadáver, como se tivesse mãos, e o devorava mais rapidamente do que um gato devora um rato. Começou pela cabeça e depois prosseguiu, comendo tudo: o cabelo, os ossos e até mesmo a mortalha. E a Coisa monstruosa, após consumir todo o corpo, voltou-se para as oferendas e igualmente as devorou. Depois, foi embora tão misteriosamente quanto havia chegado.

Quando os aldeões voltaram na manhã seguinte, encontraram o sacerdote a aguardá-los na porta da casa. Todos o cumprimentaram. E, quando entraram, e olharam ao redor, não manifestaram surpresa alguma com o desaparecimento do cadáver e das oferendas. Mas o dono da casa disse a Muso:

— Venerável senhor, certamente vistes coisas desagradáveis durante a noite... Estávamos todos preocupados convosco. Mas, agora, estamos muito

felizes por encontrar-vos são e salvo. Com grande satisfação teríamos ficado convosco, se tal nos fosse possível. Mas as regras da nossa aldeia, como vos disse ontem à noite, nos obrigou a abandonar a casa após o óbito, deixando o corpo sozinho. Sempre que esta regra foi infringida, sobreveio algum portentoso infortúnio. Mas, se à norma rendemos observância, descobrimos que o cadáver e as oferendas desaparecem durante a nossa ausência. Talvez tenhais vós visto a causa.

Então Muso falou sobre a forma sombria e terrível que penetrara na câmara mortuária para devorar o cadáver e as oferendas. Ninguém pareceu surpreso com a narrativa. O dono da casa observou:

— O que vós acabais de nos dizer, venerável senhor, coincide com o que se tem dito sobre o assunto desde os tempos ancestrais.

Muso, em seguida, perguntou:

— O monge da colina costuma realizar os serviços fúnebres para os vossos mortos?

— Que monge? — perguntou o jovem.

— O monge que, ontem à noite, me indicou esta aldeia — respondeu Muso. — Cheguei ao *anjitsu*, que fica na colina. Ele me recusou abrigo, mas me ensinou como chegar aqui.

Os ouvintes se entreolharam com uma expressão de espanto. Após um instante de silêncio, o dono da casa disse:

— Venerável senhor, na colina não há monge ou *anjitsu* algum. Há muitas gerações que nenhum monge reside nesta região.

Muso nada mais disse sobre o assunto, pois era evidente que os seus amáveis anfitriões acreditavam que ele houvera sido iludido por algum trasgo. Mas, após se despedir, e obter todas as informações necessárias para prosseguir o seu caminho, decidiu procurar o eremita da colina para assim verificar se realmente havia sido enganado. Achou o *anjitsu* sem dificuldade. E, desta feita, o ancião o convidou a entrar. Quando Muso entrou, o eremita prostrou-se humildemente diante dele, exclamando:

— Ah, que vergonha! Estou muito envergonhado! Estou extremamente envergonhado!

— Não deveis sentir vergonha por haver-me negado abrigo — disse Muso. — Vós me indicastes a aldeia, onde fui muito bem acolhido e eu vos agradeço por este favor.

— A ninguém eu posso oferecer abrigo — respondeu o eremita —, e não me envergonho pela minha recusa. Eu me constranjo porque vós me vistes em minha verdadeira forma... pois fui eu quem devorou o cadáver e as oferendas, diante de vossos próprios olhos, na noite passada. Sabei, venerável senhor, que sou um *jikinink*[4], um devorador de

---

[4] Ser renascido como uma entidade tenebrosa que necessita alimentar-se de cadáver para expiar os pecados das vidas pretéritas.

carne humana. Tende, pois, piedade de mim, permitindo que eu vos confesse o secreto pecado que me reduziu a esta condição.

"— Há muito, muito tempo, era eu sacerdote nesta desolada região. Não havia outro sacerdote num raio de muitas léguas. Naquela época, os montanheses traziam para cá os corpos dos seus mortos, às vezes vindos de grandes distâncias, para que eu prestasse os serviços sagrados. Mas eu realizava os serviços e os rituais apenas visando ao lucro. Pensava apenas na comida e nas roupas que a minha sagrada profissão me proporcionava. E por causa deste ímpio egoísmo renasci, imediatamente após a minha morte, como um *jikininki*. Desde então, tenho sido obrigado a alimentar-me de cadáveres das pessoas que morrem neste distrito. Devo devorar cada um dos que morrem da maneira como vós presenciastes na noite passada. Agora, reverendo senhor, eu vos peço que realizeis um sacrifício *segaki*[5] em meu favor. Ajudai-me com vossas orações. Eu vos imploro para que prestamente me liberteis deste hediondo estado de existência..."

Mal o eremita formulou este pedido, desapareceu. No mesmo instante, o eremitério também desapareceu. E Muso Kokushi encontrou-se a sós, ajoelhado sobre a grama crescida, junto a um antigo sepulcro coberto de musgos, que tinha a forma

---

[5] Cerimônia budista dedicada os mortos.

chamada *go-rin-ishi*[6] , e que parecia ser o túmulo de um sacerdote.

---

[6] Ou seja, “o círculo das cinco pedras”, representando os cinco elementos místicos: éter, ar, terra, fogo e água.


見立三十六歌撰之内
累の亡魂
藤原敏行朝臣
秋来ぬと目にはさやかに見えねども風の音にぞおどろかれぬる
豊国画
彫竹
吉伊勢兼

CRÉDITOS

Obra: “Contos de Terror Japonês”.

Autor: Koizumi Yakumo (nome nipônico de Lafcadio Hearn, 1850 – 1904).

Tradução: Paulo Soriano.

Títulos originais dos contos: *Of a Promise Broken, Jikininki, A Dead Secret, Diplomacy* e *Mujina*.

Imagem da capa e miolo: Utagawa Kunisada (1786 – 1864).

Editor: Grotesco & Arabesco, Salvador/BA.

E-mail: grotescoearabescoeditora@gmail.com

2ª. edição revista e ampliada.

(A 1ª. edição sob o selo ***Triumviratus*** data de 2016.)

Ano da publicação: 2020.